

## **A Proliferação de Rastros de Subjetividade na Internet no Início do Século XXI<sup>1</sup>**

Maria Martha Bruno<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **Resumo**

Em tráfego na internet, um volume incontável de informação evidencia traços da personalidade de milhões de usuários que na rede podem se manifestar sobre todo tipo de assunto e expor sua intimidade. Característica da modernidade tardia, a revelação intencional e planejada da subjetividade encontrou em dispositivos tecnológicos formas de expressão que permitem ao sujeito interagir com o outro em alta velocidade e almejar um reconhecimento que há algumas décadas era restrito. Este artigo busca analisar as formas e conteúdos desses discursos compostos por palavras, sons e imagens, bem como algumas consequências de seu registro, como a possível constituição de um legado cultural e de um amplo recorte sobre uma geração que conta com novas maneiras de manifestar sua individualidade.

**Palavras-chave:** memória; subjetividade; internet; autoria

---

### **Novas formas e conteúdos da memória individual**

De clique em clique, as pegadas deixadas por quem navega na internet construíram um extenso caminho de milhões de subjetividades registradas em forma de palavras, imagens e sons. Todos estes tipos de registro estão em evidência na rede e muitos deles conformam narrativas que orbitam em torno do Eu, espelhando um traço que permeia a modernidade tardia e é estimulado também pelas linguagens da televisão, da publicidade e do cinema, entre outras. Segundo Mark Andrejevic, por conta desta

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ciberultura, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Mestranda do curso de Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [mmartha@gmail.com](mailto:mmartha@gmail.com)

proliferação de criações autocentradas, aliada à interatividade em evidência na chamada web 2.0, o século XXI poderá ser identificado no futuro como *iCentury*, já que muitos dos produtos emblemáticos destes primeiros anos são iniciados pelo prefixo *i*, que significa *eu*, em inglês. Eles são depositórios de memórias em geral customizadas pelo sujeito, como o iPod, que armazena a biblioteca musical e pessoal de milhões de consumidores, ou o iGoogle, ferramenta do site de buscas em que o usuário cria uma espécie de portal próprio, ao qual tem acesso com a mesma senha de seu Gmail; notícias, fotos, vídeos podem ser escolhidos de acordo com a preferência do internauta, para que sejam acessados diretamente em sua “home-page do Google”.

O prefixo *i*, que aparece na frente de uma variedade crescente de produtos (muitos feitos pela Apple) e conceitos (incluindo o iPolitics, popularizado na campanha presidencial americana de 2004), traz o duplo sentido da customização e da promessa democrática de interação (ANDREJEVIC, 2007, p.5)

Após a explosão dos diários virtuais, materializados nos blogs que tratam de assuntos pessoais e íntimos, apareceram muitas outras formas de evidenciar, através de narrativas e outros tipos de produções, a vida, a opinião e o cotidiano dos internautas. Atualmente, entre os mais populares estão a rede de micro-blogs Twitter, a rede social Facebook, a que mais cresce no mundo e agrega várias funções, e o Flickr, álbum de fotografias com amplo limite de espaço, disponível para qualquer usuário cadastrado.

Esses e outros produtos do *iCentury* ajudam a constituir um tipo de memória individual cujo corpo é formado por registros de subjetividade espalhados pela rede. Uma das primeiras características a ser ressaltada neste modelo é o seu compartilhamento voluntário com uma gama de usuários que têm acesso a essas informações. Se nos séculos XIX e XX muitos registros da memória individual se concretizavam na forma de diários íntimos de teor secreto, aos quais apenas os autores tinham acesso (sem que necessariamente isso signifique que não almejassem a descoberta de seus escritos por outros), no século XXI eles passaram a ser expostos, e muitas vezes criados justamente para serem expostos. O relato íntimo midiaticizado confecciona personalidades que visam à recepção do outro. A exposição da privacidade tornou-se lugar-comum na internet, e o autor e sua vida pessoal passaram a ser figuras principais na constituição de uma subjetividade exteriorizada que permeia a rede.

A curiosidade e interesse pelo privado estão associados à demanda pela suposta experiência do real, que consta nas diversas formas de narrativa do Eu, sejam elas biografias cinematográficas ou literárias, livros de autoajuda que contam sagas de superação pessoal, reality shows da televisão ou diários íntimos virtuais. Na primeira metade do século XX a concepção ficcional, que ajudava a valorizar a criatividade do autor, ainda reinava nas obras de arte; hoje ela compete com a valorização da capacidade do cidadão comum de transmitir sua realidade da forma mais verossímil – e pessoal – possível, ainda que nesta tarefa haja sempre interferência de processos de representação. O poder de criação embutido nas obras divide seu espaço com a atração despertada pela imagem do autor, sem que necessariamente seja preciso que ele conceba algo de extraordinário para ser reconhecido. Apenas sua existência e a transmissão do aspecto prosaico de seu cotidiano já são suficientes, numa época em que a figura do autor suplanta a força de sua criação inúmeras vezes.

Recentemente no cinema alguns filmes apostaram nessa mistura entre o registro fortemente focado na subjetividade – e facilitado por artefatos tecnológicos como celulares e câmeras – com a inevitável ficcionalização do real, já tão característica da modernidade contemporânea<sup>3</sup>, para criar narrativas de memórias individualizadas de forte efeito realista. Um exemplo é o longa documental “TV junkie”<sup>4</sup> (2006), cujo título remete não só ao vício do protagonista-autor de documentar com uma câmera de vídeo sua vida – inclusive, e talvez sobretudo, os momentos mais íntimos –, como a jornada pela dependência do crack, pela qual ele passou e registrou através de suas lentes. Ao longo de 104 minutos, é possível observar os aspectos mais corriqueiros da vida de Rick Kirkham, que mostram cenas domésticas de felicidade e conflito com sua família, além de sua exaustiva rotina de viagens de trabalho e das sensações de angústia altamente pessoais transmitidas pelas imagens em que ele expõe sua relação com a droga.

Os resultados deste padrão de criação de pretensões pessoais e realistas, acentuado na internet pelos blogs, fotologs, e redes sociais, são relatos fragmentados e focados em experiências cotidianas e privadas. Ao contrário das histórias artesanalmente contadas pelo Narrador de Walter Benjamin e do romance consagrado no século XX, estes discursos não buscam uma moral da história e um sentido

---

<sup>3</sup> Sobre esta ficcionalização do real, vale destacar que “insistir no caráter fabricado e imaginário dos nossos enredos não significa que estes sejam ‘distorções’ de alguma realidade mais profunda, mascarada pelos repertórios banalizados que circulam midiaticamente” (JAGUARIBE, 2007, 154)

<sup>4</sup> O termo *junkie* significa viciado e é bastante usado em referência à dependentes químicos

totalizante, respectivamente. Divididas em pequenas pílulas de informação, as narrativas do Eu na internet correspondem à criação de uma memória comprimida, correlata ao tempo em que elas se constituem. A limitação de 140 caracteres para mensagens do Twitter é um exemplo evidente deste sintoma, assim como o conjunto de diversos tipos de recursos – blog, vídeo, áudio, foto, lay-out personalizado – aglutinados no perfil de usuários de outra popular rede social, o MySpace. No Flickr, centenas de imagens podem ser reunidas em um álbum referente a apenas um assunto, e o mesmo usuário pode contar com muitos outros álbuns relativos a tantos outros assuntos. No cinema, o exemplo de “TV Junkie” é resultado da compressão em pouco mais de uma hora e meia de cerca de três mil horas de filmagens feitas por Kirkham.

Como atesta Andreas Huyssen, vivemos uma “tentativa, na medida em que encaramos o próprio processo real de compressão do espaço-tempo, de garantir alguma continuidade dentro do tempo, de propiciar alguma extensão do espaço vivido dentro do qual possamos respirar e nos mover” (2000, p.30). Em seu livro “Seduzidos pela memória”, Huyssen aponta que esta tentativa se dá pela ressuscitação do passado como forma de ancoragem em um presente acelerado. Mas ocorre também através da intenção de registrar as sucessões de instantes que povoam rotina. Não é à toa que internautas se preocupam em deixar seus vestígios constantemente na rede, de modo que qualquer um possa ter acesso a eles quando quiser, de acordo com a promessa de espaço ilimitado e disponibilização perene que a internet oferece. A constituição e a proliferação destas pequenas obras que gravam episódios da vida dos internautas, assim como o acesso a elas, são estilhaçadas e descontínuas, muitas vezes carentes de um sentido totalizante. São “retratos instantâneos de momentos presentes da própria vida que vão passando, mas não se articulam e sedimentam para construir um passado à moda antiga” (SIBILIA, 2008, p. 140). A memória linear, artesanalmente esculpida pelo Narrador de Benjamin, atualmente se assemelha mais ao universo do personagem Funes, do conto de Jorge Luis Borges, não porque, como o protagonista, o sujeito contemporâneo não se esqueça mais de nada, mas porque, de certa forma, com sua proliferação de pegadas, busca uma memória infalível, em que contextualizar e criar uma coerência não é mais o principal. “Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão detalhes quase imediatos” (2005, p.128).

Por conta dessa extensíssima capacidade de registro, houve uma mudança substancial não apenas nos ritmos e nas formas das narrativas, mas em seu conteúdo. Em parcelas distribuídas por vários tipos de mídia, elas investiram na exposição da intimidade e abriram espaço para a invenção de personagens pensados para o exterior. As possibilidades suscitadas pela imagem facilitaram ainda mais esta empreitada. Elas vestem de cores e traços as figuras sociais criadas pelos usuários da rede e elaboram visualmente novas identidades. A personalidade individual, baseada na forma como o sujeito vivencia as experiências de sua vida, é acrescida e transformada constantemente pelas demandas pelo cumprimento de diversos papéis sociais que ele desempenha no cotidiano. No livro “The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life”, Kenneth Gergen observa que as forças da sociedade do final do século XX obrigaram o “povoamento do eu”, o exercício de uma “variedade de papéis em constante mutação, necessários para lidar com uma variedade de relacionamentos em constante mutação” (in GABLER, 1999, p. 215). O resultado dessa remodelação fica claro na natureza dos discursos subjetivos que se reciclam constantemente na internet e espalham detalhes íntimos na construção de múltiplas identidades.

Outro traço característico desses discursos é a ausência de grandes realizações e a exaltação da banalidade e da grandeza que nela pode estar presente. Muitos usuários de serviços como o You Tube e o Twitter se congoçam por conta das semelhanças entre a trivialidade de suas vidas. Estes meios criaram grandes comunidades de anônimos que estão em evidência entre si e cujo conjunto está em evidência na mídia. Prova disso é a capacidade de se acompanhar a vida do outro através das redes sociais, em que cada usuário tem seu perfil próprio repleto de atrativos – fotos, preferências culturais, circuito de amigos e conhecidos –, muito semelhante ao website de um artista. O conjunto destes “artistas anônimos”, que não se consagram pela produção de arte, mas apenas vivem seu dia a dia, torna-se então assunto de pesquisas acadêmicas e matérias na mídia, jogando luz sobre um conjunto de cidadãos comuns interligados pela rede. Com seu crescimento vertiginoso nos primeiros meses de 2009, praticamente todos os dias é possível encontrar em grandes portais de informação do Brasil notícias relacionadas ao Twitter<sup>5</sup>, que costumam abordar histórias relacionadas aos usuários.

---

<sup>5</sup> Garota morre eletrocutada enquanto 'twittava' na banheira (G1, 18/06/2009); Inglaterra quer 'proibir' professores no Facebook, MySpace e Twitter (idem); Proprietário vai usar Twitter para 'doar' casa de R\$ 2,5 milhões (G1; 14/06/2009); Lindsay Lohan posta foto de topless no Twitter (Folha On Line; 16/06/2009); No dia de comemoração

Mas é importante destacar que a conformidade com a condição de anonimato se encontra em uma fronteira tênue com o desejo de subir a um patamar de excepcionalidade. Assim como a publicação dos diários íntimos passava pela cabeça de quem os escrevia no início do século passado, no imaginário do usuário dessas ferramentas da web a exibição do prosaico também pode levá-lo a um lugar de destaque, caso alguém identifique um traço extraordinário, que possa pinçar aquele internauta do mar de anonimato pelo qual navega. Dessa forma surgiram algumas estrelas da rede, que depois de angariar grande publicidade com seus vídeos, sites ou perfis, saltaram para outros meios de comunicação e se tornaram celebridades. Um caso emblemático é o do americano Tay Zonday. O clipe independente de sua música “Chocolate rain” virou um imenso sucesso no You Tube em 2007. Além de catapultá-lo para talk shows e eventos nos Estados Unidos, o vídeo também o fez assinar contrato com uma das maiores empresas de refrigerantes do país, que usou uma versão de “Chocolate rain” em uma campanha publicitária estrelada pelo próprio Zonday. As oportunidades são socializadas para todos apenas aparentemente, pois as chances de saltar do monitor dos computadores para outras mídias ainda são bastante restritas. A aposta destes autores da web é se colocar como estrelas principais de sua criação, pois desta forma aumentam as chances de serem “descobertos”, tendo em vista que sublinhar o Eu é a tendência em que o mercado de entretenimento investe desde o século passado. Neal Gabler destaca em seu livro “Vida, o filme” que uma das principais sementes desta tendência surgiu no mercado de entretenimento nos Estados Unidos e tomou impulso com a aparição do cinema e do culto às suas estrelas.

Mas porque o entretenimento tivesse se tornado a cosmologia da América – o mundo em forma de espetáculo – e o cinema se transformado numa metáfora para o novo filme-vida, as estrelas acabaram sendo mais que a corporificação da fama. (...), demonstrando que o que era verdade para um veículo de entretenimento (o cinema) era igualmente verdade para outro (a vida). (...) Como subproduto desse processo, a personalidade do astro acabou suplantando seu desempenho e divorciando-se dele” (1999, p. 141)”.

---

Após a consolidação do mercado pautado no interesse pelas personalidades do meio artístico, o entretenimento passou a explorar também as personalidades construídas por cidadãos comuns.

A indústria do entretenimento, desde seus primórdios no século XIX, sempre atiçou a curiosidade sobre a vida íntima de atrizes, pessoas notáveis e artistas. Entretanto, é somente no século XX que as pessoas banais, sem talentos específicos ou histórias de vida singulares, são alçadas à meteórica fama instantânea que logo se apaga sem deixar lastro” (JAGUARIBE, 2007, p. 153).

### **A consagração do ‘do it yourself’**

Algumas das questões suscitadas pelo excesso de experiências pessoais e cotidianas disponibilizadas publicamente são a escassez de tempo e atenção para se acompanhar tamanha quantidade de registros, a efemeridade com que se dissolvem na rede (por conta da quantidade de novas informações inseridas a todo instante) e a qualidade irregular do conteúdo publicado, já que o acesso simples a instrumentos de escrita, imagem e composição não garante que o sujeito tenha talento para desenvolver um produto palatável, interessante ou inovador<sup>6</sup>. Por outro lado, estes meios proporcionam boas oportunidades para fazer registros. Além da facilidade para a criação de conteúdo – não é mais necessário ser especialista em HTML para criar um site, ou para inserir uma música ou vídeo na página pessoal de uma rede social -, é importante destacar também a facilidade para sua veiculação. Memórias e ideias singulares ou exuberantes que poderiam ficar confinadas definitivamente, sem jamais serem acessadas por ninguém além do próprio autor-protagonista, ganharam a oportunidade de serem desvendadas pelos outros e de incrementarem a cultura e a vivência de mais pessoas. Ainda que tenha limitações impostas por questões políticas e econômicas determinadas pelas grandes instituições que regulam a internet nos países, o conteúdo que circula na

---

<sup>6</sup> Neste contexto é importante ainda acrescentar a seguinte relação: “o fato de ter vivenciado uma experiência extraordinária na vida real não garante que o relato de tais vicissitudes possa se converter em um grande romance. E o contrário também procede: para ser um grande escritor não é necessário dispor de uma personalidade exultante ou ‘artística’ e nem protagonizar uma vida cheia de aventuras exóticas ou especialmente intensas” (SIBILIA, 2008, p. 168)

rede é dotado de uma liberdade que dá margem à invenção de um sem número de tipos de narrativas, imagens e outras criações.

Outro componente que chancela a criação independente da qualidade é a interação com outros anônimos, que se identificam, comentam, repercutem as experiências narradas. A troca de informações e constituição de memórias individualizadas, porém coletivamente compartilhadas, facilita a sensação de pertencimento e se torna mais uma forma de ancoragem e segurança no presente comprimido apontado por Huysen. Além disso, a legitimidade exigida pelo autor-cânone do século XIX e início do século XX se atualizou na forma de uma expansão do “do it yourself”, em que a publicação de algo na rede é autônoma e simplificada. Além disso, não precisa necessariamente mais ser precedida pela autorização ou sucedida pela aceitação do outro. O caráter testemunhal e a inserção em um contexto que estimula cada vez mais a participação já dão ao autor do século XXI uma legitimidade que para ele é suficiente.

Vale ressaltar que a visibilidade opera de formas bem distintas para os autores da rede. Considerados “fenômenos da internet”, protagonistas de vídeos que circulam entre milhares de usuários em pouco tempo e ganham notoriedade em outras mídias geralmente têm vida curta. Embora deixem pegadas pessoais com pretensões artísticas, suas obras costumam ser pequenas pílulas de informação ou entretenimento. Muitos autores de hits do You Tube como “Evolution of the dance”, do comediante Judson Laipply, prosperaram na rede, conseguiram aparições em programas de televisão e páginas de revista, e alavancaram suas carreiras profissionais<sup>7</sup>. No entanto, dificilmente Laipply deixará qualquer tipo de legado cultural ou artístico. O mesmo vale para outras “estrelas” de muitas iniciativas autônomas e inicialmente anônimas que conseguiram turbinar suas imagens na rede, criar uma marca e até mesmo vender produtos com sua identidade visual. Ou seja, suas pegadas virtuais podem não durar muito neste tempo que engole e reprocessa com tanta rapidez os produtos que são constantemente despejados pela indústria cultural no mercado.

Por sua vez, pessoas que não são alçadas à categoria de “fenomenais” na rede podem conceber criações sólidas e não investem na internet como uma finalidade em si,

---

<sup>7</sup> As apresentações de Laipply são chamadas de “Inspirational Comedies”, e segundo o autor, buscam misturar comédia com conhecimento interior e espiritual. O show, que termina com o número “Evolution of the dance”, tem sido contratado e apresentado em dezenas de colégios, empresas, conferências, e eventos nos Estados Unidos.

porém como uma ferramenta a mais de expressão, um meio com linguagem própria que pode colaborar para a extensão de uma obra artística e para o estabelecimento de agenciamentos culturais. Por isso, estes autores não necessariamente apostam na construção de uma figura social, mas na constituição de algo além disso, uma pegada que, mesmo restrita a um nicho, possa deixar uma herança de inovação e criatividade. O cineasta americano David Lynch, dono de uma obra já consolidada no cinema, lançou em junho de 2009 uma série de curtas exclusivamente veiculada em seu site, na qual, a cada capítulo, expõe a vida de uma pessoa selecionada ao longo de uma viagem rodoviária pelos Estados Unidos. Na jornada de 70 dias de filmagens do *Interview Project*, Lynch encontrou 121 americanos que nada têm a ver com o padrão das celebridades efêmeras que proliferam na internet, e que, ao filmados pelo cineasta, tiveram a oportunidade de expor a riqueza de subjetividades que sem a câmera e a veiculação pela rede dificilmente seriam descobertas. As entrevistas abordam não apenas o cotidiano desses personagens, a relação com o lugar onde vivem, o trabalho e a família, como também sua vida interior; pelas lentes de Lynch, eles têm a oportunidade de se descreverem, de falar como gostariam de ser lembrados, de narrarem seu primeiro contato com a morte, seu planos para o futuro, entre outras indagações.

O compartilhamento de informações também é um filão bastante explorado que não implica a elevação dos autores ou portadores de determinado conhecimento à categoria de aspirantes a estrelas. A revista *Makezine*, com versão online e em papel, conta com um vastíssimo acervo de construções e invenções publicadas por anônimos que, em suas garagens, oficinas, quintais e quartos, dão vazão ao secular impulso humano de criar e transformar objetos. A estrela do site é o espírito “do it yourself”, que, no entanto, não está focado em quem faz, mas no que é feito: geringonças que reaproveitam materiais dados como obsoletos, formas práticas de usar fontes de energia limpa, ideias para incrementar objetos e lhes dar novas utilidades. O passo a passo é ilustrado por fotos e vídeos, em que os “artesãos” pouco aparecem (muitas vezes apenas suas mãos estão em foco, na feitura dos objetos). Sua última edição ganhou também um tom político. Com o título “ReMake America”, a revista assume que em tempos de aquecimento global, para o qual a contribuição dos Estados Unidos é altamente significativa, é preciso conceber novas formas de transporte,



produção de alimentos, rotina de trabalho, recreação, etc. Por isso, apresenta uma série de matérias com invenções e soluções neste sentido.

No Brasil, o zine virtual CardosOnline, criado em 1998, promoveu um encontro de interessados em literatura e tecnologias digitais ainda nos primórdios da internet no país. O e-mail enviado para 20 pessoas em sua primeira edição trazia crônicas, contos, poemas e resenhas de autoria de estudantes universitários. O CardosOnline manteve este formato durante os três anos em que existiu, apostando na escrita mesmo com a popularização de outras mídias na rede com o passar do tempo, e o e-zine ganhou cada vez mais destinatários, até chegar a cerca de 5 mil. A partir do projeto, seus membros passaram a se dedicar a atividades correlatas ao trabalho informal ali realizado. André Czarnobai, o Cardoso que dava nome ao zine, lançou o livro "Cavernas & Concubinas"; Marcelo Träsel, então estudante de farmácia, tornou-se professor de comunicação digital e consultor em novas mídias; Daniel Galera é escritor e já teve um de seus livros adaptado para o cinema.

Assim como Lynch, o fotógrafo Pedro Martinelli tem uma carreira estabelecida no mercado há décadas, com passagens pelos grandes veículos de comunicação do Brasil. Na internet, seu site apresenta fotos e relatos que lançam luz sobre histórias de sua trajetória, em que ele divide com seus cliques o posto de figura principal. Mas na página também é possível encontrar grande quantidade de informação sobre os povos indígenas da Amazônia, que por interesse próprio do fotógrafo foram inúmeras vezes esmiuçados em sua carreira como contratado desses meios e como profissional independente, desde 1994. Suas impressões pessoais acompanhadas de imagens e narrativas dos índios transbordam a subjetividade de povos geográfica e culturalmente muito distantes do caráter que predomina entre usuários e produtores de conteúdo da internet brasileira.

## **Conclusão**

A promessa de democratização do conhecimento, que parecia possível nos primeiros anos de popularização da internet – como uma espécie de socialismo internacional da informação que nem mesmo Marx imaginara (PEARCE, in

ANDREJEVIC, 2007, p.16) – já se provou equivocada. As disparidades sócio-econômicas dentro e entre países dificultam ou impedem o acesso de milhões de pessoas a meios que, por outro lado, oferecem uma série de facilidades para expressão de pensamentos, criações e realizações. É preciso considerar também outro empecilho nesta idealização libertária da rede, materializado nos filtros de conteúdo impostos por empresas e instituições reguladoras em países não democráticos ou de democracia ainda frágil, que controlam o conteúdo em tráfego. Nos países com regimes democráticos estabelecidos há mais tempo, estes mecanismos de limitação também existem, mas operam de formas mais sutis, como ao reduzir a velocidade de acesso a determinados sites e limitar a propalada liberdade de expressão<sup>8</sup> que a internet prometia.

Se a liberdade de expressão e de tráfego de informação ainda está comprometida, sua parcela em livre circulação oferece um mundo de oportunidades de demonstrações de subjetividades exploradas por milhões de usuários da internet. A interatividade recria o diálogo e o divide em um caminho de diversas mãos que pode aproximar indivíduos e criar um banco de memórias deletáveis e efêmeras, mas ao mesmo tempo de fácil acesso e grande riqueza de detalhes. Beatriz Sarlo afirma que a possibilidade de restaurar relatos significativos da experiência do sujeito é uma das marcas da modernidade tardia e aponta que estes discursos impregnados de memória e subjetividade exercem um efeito reparador no caráter irreversível da intervenção capitalista sobre as relações individuais.

“A memória e os relatos de memória seriam uma ‘cura’ da alienação e da coisificação. Se já não é possível sustentar uma Verdade, por outro lado florescem verdades subjetivas que asseguram saber aquilo que, há três décadas, se considerava oculto pela ideologia ou submerso em processos pouco acessíveis à introspecção simples” (2005, p. 51).

A recompensa mais evidente do compartilhamento dessas subjetividades para seus autores-protagonistas é o reconhecimento do outro, seja ele um parceiro de rede social ou uma grande corporação midiática interessada em explorar a criação de

---

<sup>8</sup> Um exemplo desta limitação é o site Nike iD, permite ao consumidor customizar seu tênis Nike, escolhendo cores e tipos de cadarços, solas, listras, e o dizer que sempre consta nos calçados da empresa (geralmente com a mensagem Just do it ou com o logo da própria marca). Mas ao contrário do que tenta parecer, o usuário não pode escolher qualquer mensagem para customizar seu calçado. Palavras como *sweatshop* (local de trabalho de exaustivas jornadas mal remuneradas) ou *child labor* (trabalho infantil), referências claras às condições de produção nas fábricas asiáticas da Nike, são vetadas neste processo de customização.

determinado personagem até seu esgotamento (que não costuma demorar muito). A legitimação de registros de subjetividade não exige mais a apreciação de especialistas ou multidões. E o autor-protagonista da internet pode conquistar esta legitimação em pouco tempo, já que enquanto expõe sua subjetividade ao criar um vídeo, escrito, foto ou música, são grandes as chances de haver ao menos outra pessoa conectada e potencialmente disposta a ver aquele registro e opinar sobre ele.

A satisfação despertada pelo reconhecimento se alia ainda ao conforto de sentir-se incluído e, portanto, menos solitário. Se na modernidade ganhou corpo o debate sobre a solidão do indivíduo no meio das multidões e de uma rotina cada vez mais exigente, no início do século XXI, quando as multidões urbanas se encontram não só nas ruas, mas também atrás dos monitores de computador, o assunto continua mais atual do que nunca. Neste sentido, a presença do outro se torna importante para o sujeito esgarçado pelas inúmeras vivências da modernidade tardia e pelo tempo espremido entre elas. Não apenas a legitimação do que ele vive e cria ainda é fundamental, como também a sensação de que conta com um interlocutor, ainda que virtual.

O interesse em registrar traços de sua vida e a possibilidade de deixar essas informações disponíveis por muitos anos (sem que se tornem amareladas, juntem poeira ou sejam desintegradas pelas traças) dá a impressão ao usuário da internet de que sua memória pode constituir-se em um legado em algum nível, a ser aproveitado por outras pessoas. Por enquanto, o que temos é uma massa de informação em crescimento nunca visto antes, que engloba um coletivo de memórias individualizadas e fragmentadas. Embora todas contem com singularidades, suas representações na rede são marcadas por traços similares entre si, de modo que é preciso garimpar os registros valiosos de experiências pessoais e as experiências valiosas relatadas em registros pessoais. Mas a emergência de uma multidão de anônimos pode facilitar este trabalho, na medida em que inclui mais pessoas para depurar tamanha quantidade de informação e organizar o que nela há de precioso. Com isso, pode ser possível então dizer que estas pegadas subjetivas conseguiram deixar um legado consistente para gerações posteriores.



## **Referências bibliográficas**

ANDREJEVIC, Mark. **I Spy**. University Press of Kansas, 2007

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I - Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Ed. Globo, 2005

GABLER, Neal. **Vida, o filme**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano, 2000

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2007

SANDVIG, Christian. **Neutralidade na rede e a nova via pública**. Rio de Janeiro. *PolITICS*.  
Novembro 2008

SARLO, Beatriz. **Tiempo pasado. Cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión**.  
Editorial Siglo XXI, 2005.

SENNET, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2006.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Ed.Nova Fronteira, 2008.